

A HERMENÊUTICA DE LUTERO

Fred Roland Bornschein¹

RESUMO

O presente trabalho analisa alguns aspectos relevantes da hermenêutica de Lutero em relação à sua tradução da Bíblia. A reforma protestante no século XVI foi um dos eventos marcantes na história ocidental e uma das obras mais marcantes de Lutero foi a tradução da Bíblia para o alemão. Apesar de haver outras traduções em alemão, a sua se impôs por ter sido traduzida para um alemão coloquial compreensível para todas as pessoas. Na "Carta aberta sobre a tradução" Lutero colocou alguns princípios que regeram a sua tradução, destacando-se o método da "equivalência dinâmica". Todavia, quando o texto o exigia, Lutero traduzia, também, de uma forma literal. O seu método de interpretar e traduzir a Bíblia era o gramático-histórico. Fator central para o Reformador era a centralidade de Cristo nas Escrituras, tanto no Velho Testamento quanto no Novo. Um exemplo da hermenêutica de Lutero temos na sua introdução à carta de Romanos que foi abordada neste artigo.

Palavras-chave: Lutero, tradução, hermenêutica, reforma.

ABSTRACT

The present paper analyzes some relevant aspects of Luther's hermeneutics in relation to his translation of the Bible. The Protestant Reformation in the sixteenth century was one of the outstanding events in Western history and one of Luther's most striking works was the translation of the Bible into German. Although there were other translations in German, his one was imposed because it was translated into a colloquial German comprehensible to all people. In the "Open Letter on Translating" Luther put some principles that governed his translation, emphasizing the "dynamic equivalence" method. However, when the text demanded it, Luther also translated literally. His method of interpreting and translating the Bible was grammar-historical. A central factor for the Reformer was the centrality of Christ in the Scriptures, both in the Old Testament and in the New Testament. We have an example of Luther's hermeneutics in his introduction to the Epistle to the Romans, which was discussed in this article.

Key words: Luther, translation, hermeneutics, reformation.

¹ Fred R. Bornschein: Bacharel em teologia e Mestre em teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Professor de Teologia na Faculdade Teológica Betânia (<http://faculdadebetania.com.br>) e Faculdade Fidelis (<http://www.fidelis.edu.br>). Pastor sênior na Igreja Evangélica Livre da Boa Vista em Curitiba/Pr. Autor dos livros publicados pela Editora Evangélica Esperança: "Oliveira Santa, Israel na carta aos Romanos" e "Enviados para servir". Plataforma Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9512623480426639>.

INTRODUÇÃO

O Rei Davi descreveu a sua vitória diante dos filisteus dizendo que o Senhor havia rompido as fileiras dos inimigos diante dele “como as águas rompem um dique” (2Sm 5.20, paráfrase). Esta imagem tem sido usada para descrever momentos e períodos da história da igreja em que Deus agiu operando “coisas novas” (Is 43.19), derramando a sua graça e seu poder. Um destes “*kairós*” de Deus foi a Reforma. Certamente é apropriado descrever a situação do Cristianismo na Idade Média usando a imagem de um dique. A Igreja Católica era um dique que represava o fluir da graça de Deus. Um dique formado pela sua hierarquia eclesiástica rígida; pela sua doutrina de salvação pelas obras que gerava medo e ansiedade constantes em relação à salvação eterna; pelo magistério da igreja como a única autoridade a ter o direito de interpretar a Bíblia. A Bíblia e sua mensagem do amor de Deus, da graça de Deus e da salvação pela fé estavam distantes da realidade da vida das pessoas. Tillich (2000, pg. 22) descreve esta situação dizendo que

sob tais condições jamais alguém poderia saber se seria salvo, pois jamais se pode fazer o suficiente; ninguém podia receber doses suficientes do tipo mágico de graça, nem realizar número suficiente de méritos e de obras de ascese. Como resultado desse estado de coisas havia muita ansiedade no final da Idade Média.

A Idade Média foi um período em que as pessoas viviam em grande aflição em relação a Deus, a salvação, o pecado, os demônios. Foi esta aflição que levou Lutero, após uma experiência chocante numa tempestade, a entrar num mosteiro. Tillich (2000, pg. 229) assim expõe esta experiência:

Lutero vivia num mosteiro com essa ansiedade, em face da culpa e da ameaça da condenação. Foi por causa dela que se internou no mosteiro e foi também por sua causa que descobriu que nenhuma quantidade de práticas ascéticas conseguia dar às pessoas a certeza da salvação num sistema de relatividades, quantidades e coisas. Estava sempre com medo do Deus ameaçador, do Deus punitivo e destruidor. E perguntava: Onde posso encontrar o Deus misericordioso? A reforma começou a partir daí e da ansiedade subjacente.

Portanto, as primeiras fissuras no “dique impenetrável” constituído pela doutrina, hermenêutica e hierarquia romana, surgiram no coração de um monge angustiado por sua condição espiritual, se penitenciando na sua cela e perguntando acerca do Deus gracioso. Foi quando, lendo a carta de Paulo aos Romanos, Lutero descobriu a verdade que mudou para sempre a sua vida e toda a história da igreja cris-

tã. Descobriu, pela leitura da Bíblia, que, unicamente pela fé, sem necessidade de obras, era aceito por Deus e justificado. Afirma Tillich (2000, pg. 227): "O ponto decisivo da Reforma, e da história da igreja em geral, foi a experiência de um monge agostiniano em sua cela monástica - Martinho Lutero".

O dique se rompeu. Uma nova era na história do cristianismo iniciou. As águas da graça e da verdade de Deus começaram a se derramar sobre a nação alemã e sobre o mundo. Esta experiência marcou Lutero profundamente e gerou nele um grande desejo de que as pessoas tivessem acesso às Escrituras e pudessem lê-las, livres das amarras dogmáticas impostas por séculos de tradição católica. Por conseguinte, um dos grandes resultados deste irrompimento da graça salvadora de Deus, foi a tradução da Bíblia, para o alemão, feita por Lutero.

1. A TRADUÇÃO DA BÍBLIA POR LUTERO

Lutero, abrigado no castelo de Wartburgo, traduziu o Novo Testamento em 10 semanas. Ele foi editado em 1522. Vale ressaltar que "esta não foi a primeira tradução para o alemão: já havia em torno de 14 traduções antes de Lutero" (DEFREYN, 2006, p. 28). Entretanto a tradução de Lutero se impôs às demais, devido à sua linguagem coloquial e compreensível.

Clóvis Prunzel (2006) menciona que a tradução do Novo Testamento foi feita em três meses, de dezembro de 1521 a março de 1522. Nesta tradução Lutero deixou fora, por razões cristológicas, os livros de Hebreus, Tiago, Judas e Apocalipse. Entretanto, ele revisou posteriormente estas suas posições em relação ao cânon. "Os especialistas em Lutero dizem que ele deve ter traduzido mil e quinhentas palavras por dia para ter conseguido concluir a tradução do Novo Testamento" (FLUCK, 2016, pg. 80). "A tradução do Antigo Testamento foi mais demorada, devido aos inúmeros desafios em que Lutero teve que se envolver. Ele também viu corretamente que a tradução precisava ser feita em equipe" (FLUCK, 2016, p. 80). Esta tradução se estendeu de 1522 a 1534.

Na "Carta aberta sobre a tradução" (LUTERO *in* NUPLIT, 2006, pg. 95-115) Lutero colocou alguns princípios que nortearam a sua tradução.

- a. O tradutor deve se empenhar em encontrar a palavra correta na língua alemã para traduzir os termos originais. Muitas vezes Lutero, Melanchthon e Auro-

gallus ficavam um mês inteiro à procura de uma palavra adequada. Em Jó eles trabalharam, às vezes, quatro dias conseguindo traduzir apenas três linhas.

- b. O tradutor deve atentar para a natureza da língua para a qual está traduzindo, usando o método da “equivalência dinâmica”, compreendendo que, muitas vezes, a tradução literal distorce o significado do texto. Ele chega a chamar a tradução literal, que não considera o sentido da palavra ou expressão na língua para a qual se traduz, de "arte dos asnos".
- c. Todavia há casos em que a tradução literal é necessária por exigência do conteúdo. Afirma: “Por outro lado, não abandonei completamente a letra, mas observei-a com grande cuidado junto a meus ajudantes, de maneira que, quando necessário, mantive-a e dela não me afastei tão livremente”. Rosenzweig (1963) menciona que, "onde a analogia da fé o requeria (p.ex., descobrindo Cristo no AT), Lutero traduzia de forma literal".
- d. Um princípio fundamental na sua tradução, que a fez popular e divulgada, foi o fato de Lutero traduzir para um alemão claro e compreensível. De uma forma irônica ele disse que não deve perguntar ao latim como se fala o alemão “como fazem os asnos”, mas se deve “perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, e olhá-los na boca para ver como falam e depois traduzir” e, então “eles vão entender e perceber que se está falando em alemão com eles”.

2. O ROMPIMENTO COM O MAGISTÉRIO DA IGREJA CATÓLICA

A experiência de Lutero e o movimento da Reforma romperam com o monopólio que o magistério da igreja arrogava possuir sobre a interpretação das Escrituras. Considerava-se que a única interpretação válida era a realizada pela igreja, em consonância com a tradição e em concordância com os dogmas da igreja. Lutero rompeu com este paradigma propondo o livre exame das Escrituras por todos os fiéis.

Os reformadores rejeitaram e combateram o conceito de que a hierarquia da Igreja era a autoridade máxima em questões religiosas, com um papa decidindo infalivelmente as questões. Os reformadores insistiram que a Bíblia era o juiz maior de todas as controvérsias religiosas, interpretando-se a si mesma através de suas partes. Ela passou a ser central e crucial no pensamento e

na prática dos seguidores da Reforma, ao contrário do lugar secundário que ocupava no catolicismo da Idade Média (LOPES, 2006^a).

Este conceito de que a igreja católica é a única que tem a chancela da interpretação válida, persiste até hoje nos arraiais romanos, como vemos na Encíclica do Concílio do Vaticano II, *DEI VERBUM* (1965, tóp. 9, 10). Ela expõe o entendimento da Igreja sobre a relação entre a Tradição, as Escrituras e o magistério da igreja.

A Sagrada Escritura é a palavra de Deus enquanto foi escrita por inspiração do Espírito Santo; a sagrada Tradição, por sua vez, transmite integralmente aos sucessores dos Apóstolos a palavra de Deus confiada por Cristo Senhor e pelo Espírito Santo aos Apóstolos, para que eles, com a luz do Espírito de verdade, a conservem, a exponham e a difundam fielmente na sua pregação; donde resulta assim que a Igreja não tira só da Sagrada Escritura a sua certeza a respeito de todas as coisas reveladas. Por isso, ambas devem ser recebidas e veneradas com igual espírito de piedade e reverência (6). (...)

A sagrada Tradição e a Sagrada Escritura constituem um só depósito sagrado da palavra de Deus, confiado à Igreja; aderindo a este, todo o Povo santo persevera unido aos seus pastores na doutrina dos Apóstolos e na comunhão, na fração do pão e na oração (cfr. Act. 2,42 gr.) (...) Porém, o encargo de interpretar autenticamente a palavra de Deus escrita ou contida na Tradição (8), foi confiado só ao magistério vivo da Igreja (9), cuja autoridade é exercida em nome de Jesus Cristo (...) É claro, portanto, que a sagrada Tradição, a sagrada Escritura e o magistério da Igreja, segundo o sapientíssimo desígnio de Deus, de tal maneira se unem e se associam que um sem os outros não se mantêm, e todos juntos, cada um a seu modo, sob a ação do mesmo Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação das almas.

Esta doutrina do magistério autorizado e exclusivo da igreja se desenvolveu durante o período dos pais apostólicos como uma reação às doutrinas heréticas que grassavam no século II. Devido à controvérsia com os hereges, e considerando que também eles se apoiavam nas Escrituras, a igreja lentamente começou a adotar outros parâmetros para a afirmação da verdade. Passou a ser considerada como verdade a interpretação das Escrituras que fosse sancionada pelos pais apostólicos e que estivesse de acordo com a regra de fé da igreja. Esta mudança de paradigma em relação á hermenêutica, transferindo para a autoridade eclesiástica a detenção da interpretação autorizada e legítima, começou com Inácio (c. 35-107) bispo de Antioquia. Dockery (2005, pg. 54) comenta:

Com Inácio encontramos um movimento inicial para uma hermenêutica autorizada ou apologética. A Escritura podia ser usada para mostrar as falsas crenças dos heréticos. Isso era feito por meio do estabelecimento do significado teológico correto da Escritura com a orientação do bispo. Dessa forma, foi a necessidade de abordar o surgimento da heresia e de unir a igreja que inicialmente empurrou a igreja para as hermenêuticas autorizadas.

Por outro lado, foi Irineu (c. 130-200) que, reagindo às interpretações mitológicas dos gnósticos, "propôs a interpretação da Escritura de acordo com um resumo dos ensinamentos apostólicos, chamado de *regula fidei* (regra de fé)" (DOCKERY, 2005, pg. 67). A "regra de fé preservava a tradição apostólica na igreja e funcionava como um guia normativo para a interpretação" (DOCKERY, 2005, pg. 69). "Irineu sustentou que "a verdadeira interpretação das Escrituras encontrava-se entre aqueles que haviam recebido a tradição apostólica com a sucessão apostólica que possuíam o carismático dom da verdade" (DOCKERY, 2005, pg. 68).

Interessante é observar que o mesmo movimento acabou acontecendo, *mutatis mutandis*, também dentro do movimento da reforma. Como a igreja primitiva, também ela enfrentou os ventos das controvérsias, dos exageros dos "entusiastas" e das heresias. Teoricamente Lutero continuava a declarar o livre exame das Escrituras por todos os fiéis, entretanto, na prática, o ensino da Bíblia ficou cada vez mais restrito ao magistério da igreja protestante e ao ensino pelo púlpito. Defreyn (2004, pg 121) comenta que houve "uma mudança de posição dos reformadores, especialmente Lutero, em relação à leitura da Bíblia". Ele afirma que

Lutero partia do princípio de que a Palavra de Deus tivesse um sentido claro e evidente, acessível ao leigo normal. Mas, os acontecimentos ligados à Revolta dos Camponeses e à ação dos entusiastas o fizeram repensar esta posição. Ficou claro que os leigos não teriam a partir de sua leitura bíblica, condições de adquirir conhecimentos que levassem a salvação. [...] Segundo Wallmann, não se pode dizer que, no século XVI, havia um entusiasmo empenho por parte dos reformadores para que os leigos fizessem a leitura particular da Bíblia. Isto só teria acontecido a partir do pietismo no século XVII. Lutero continuou desejando que o povo conhecesse testemunho da atuação salvadora de Deus, presente nas Sagradas Escrituras, mas este conhecimento deveria vir principalmente a partir da leitura da Bíblia nos cultos, da pregação e do catecismo. (DEFREYN, 2004, pg 121)

3. O ENTENDIMENTO DAS ESCRITURAS

Para os Reformadores a Bíblia era a Palavra Inspirada de Deus. "Lutero chega ao ponto de atribuir ao Espírito Santo o que ele considera como imprecisões gramaticais da parte de Paulo. Comentando Gálatas 2.6, onde Paulo omite algumas palavras numa sentença, ele afirma: 'é perdoável quando o Espírito Santo, falando através de Paulo, cometa alguns pequenos erros de gramática'" (LOPES, 2006b).

Pelo fato de ser Palavra inspirada pelo Espírito, apenas através da mediação do Espírito poderia ser realmente entendida e interpretada.

A natureza espiritual da mensagem das Escrituras era a principal barreira à sua compreensão por parte de pessoas que não tinham o Espírito. A cegueira espiritual do homem em decorrência da queda havia afetado inclusive a capacidade dele de conhecer as coisas de Deus e recebê-las. Para quem não tinha o Espírito, as Escrituras eram um livro fechado" (LOPES, 2004, pg. 162).

Lutero rejeitava a razão como instrumento capaz de compreender as Escrituras.

Lutero estabeleceu distinção entre o uso magisterial e o ministerial da razão. Por uso ministerial da razão ele se referia ao emprego da razão humana para ajudar-nos a compreender e a obedecer mais plenamente à Palavra de Deus. Por uso magisterial da razão ele se referia ao emprego da razão humana como juiz sobre a Palavra de Deus. Lutero afirmava claramente a primeira e rejeitava a segunda. (VIRKLER, 1998, pg. 51)

4. A REJEIÇÃO DA ALEGORESE

A hermenêutica de Lutero significou um rompimento com as normas exegéticas praticadas durante a Idade Média, principalmente a interpretação alegórica. Este sistema remonta a Escola de Alexandria, cujo expoente principal foi Orígenes (185-254). A interpretação alegórica, ou alegorese, é sistema interpretativo que enxerga no texto, além do sentido natural, literal, um sentido oculto, espiritual, místico. Entendiam os alegoretas que o sentido literal era válido, mas se destinava aos cristãos ainda inexperientes, enquanto que a interpretação alegórica se destinava aos maduros e experientes na fé. De acordo com Dockery (2005, pg. 80), Clemente acreditava que:

a generosidade de Deus era tal que seria loucura acreditar que poderia haver apenas um ensinamento em relação a um texto específico. Ele afirmava que Deus é tão amoroso e piedoso que, num mesmo texto, pode-se revelar tanto para o sábio quanto para o ignorante, falando-lhes conforme a percepção particular de cada um desses tipos de crentes.

Portanto, os alegóricos entendiam o texto bíblico como constituído de várias camadas de sentido. "Orígenes acreditava que assim como o homem se constitui de três partes - corpo, alma e espírito - da mesma forma a Escritura possui três sentidos. O corpo é o sentido literal, a alma o sentido moral, e o espírito o sentido alegórico ou místico." (VIRKLER, 1998, pg. 140). "No decorrer da Idade Média desenvolveu-se o método da assim chamada quadriga" (FLUCK, 2016, p. 73) que é atribuída

a João Cassiano (m. c. 435 AD). Ela descreve os 4 níveis de sentido nas Escrituras (LOPES, 2004, pg. 150), sendo que “a ênfase da interpretação medieval recaia sobre o alegórico e o tropológico” (FLUCK, 2016, p. 74).

1. Histórico ou literal - o sentido evidente e óbvio do texto;
2. Alegórico ou cristológico - o sentido mais profundo, geralmente apontando para Cristo;
3. Tropológico ou moral - o sentido que determinava as obrigações do cristão e a sua conduta;
4. Anagógico ou escatológico - o sentido que apontava para as coisas vindouras que o cristão deveria esperar.

Lutero, de conformidade com os demais reformadores, rejeitou categoricamente a interpretação alegórica, e o fez nos termos mais fortes. Ele afirmou que...

- As alegorias dos escolásticos eram "fábulas nojentas" (LOPES, 2006a, pg. 6);
- "As alegorias de Orígenes não valem mais que pó";
- "As alegorias são especulações vazias... a escória das Escrituras Sagradas";
- "As alegorias são inconvenientes, absurdas, obsoletas, trapos soltos";
- "A alegoria é uma bela meretriz que se mostra particularmente sedutora aos homens desocupados" (KAISER; SILVA, 2002, pg. 216).

5. ÊNFASE NA INTERPRETAÇÃO GRAMÁTICO-HISTÓRICA

Rejeitando a interpretação alegórica, Lutero afirmou a interpretação literal, normal e natural dos textos bíblicos e lançou, ao mesmo tempo, os fundamentos da interpretação gramático-histórica. Lutero afirmou que "o Espírito Santo é o escritor mais simples nos céus e na terra; portanto suas palavras não podem ter mais do que um sentido simples, ao qual chamamos de sentido literal ou sentido das Escrituras" (KAISER, 2002, pg. 216). Igualmente disse que "nós devemos nos ater ao sentido simples, puro e natural das palavras, como requerido pela gramática e pelo uso do idioma criado por Deus entre os homens (ANGLADA, 2017). Desta forma Lutero, rejeitando as premissas hermenêuticas da escola de Alexandria, demonstrou ser um

sucessor do sistema exegético da escola de Antioquia. Virkler (1998, pg. 46) explica que:

Um grupo de eruditos em Antioquia da Síria tentou evitar o "letrismo" dos judeus e o alegorismo dos alexandrinos. Eles e especialmente Teodoro de Mopsuéstia (c. 350-428), defendiam com o maior zelo o princípio da interpretação histórico-gramatical, isto é, que um texto deve ser interpretado segundo as regras da gramática e os fatos da história.

Segundo os alegoristas, flutuando acima do significado dos acontecimentos do Antigo Testamento encontrava-se outro, mais espiritual. Os antioquenses, pelo contrário, criam que o significado espiritual de um acontecimento histórico estava implícito no próprio acontecimento. Por exemplo, de acordo com os alegoristas, a partida de Abraão de Harã significava sua recusa em conhecer as coisas por meio dos sentidos; para os antioquenses, representava um ato de fé e confiança ao seguir o chamado de Deus para deixar a cidade histórica de Harã e dirigir-se à terra de Canaã.

A interpretação gramático-histórica está relacionada intimamente com o princípio hermenêutico da busca da intenção do autor. Os reformadores, na sua exegese, se atinham ferrenhamente a este princípio. Lutero disse o seguinte:

O que eles [os sofistas] deveriam fazer é vir ao texto vazios, derivar suas ideias da Escritura Sagrada, e então prestar atenção cuidadosa às palavras, comparar o que precede com o que vem em seguida, e se esforçar para agarrar o sentido autêntico de uma passagem em particular, em vez de ler as suas próprias noções nas palavras e passagens da Escritura, que eles geralmente arrancam do seu contexto. (LOPES, 2006b)

Lopes comentando esta afirmação do Reformador disse: "Suas palavras revelam claramente que, para o reformador, o alvo principal do intérprete bíblico é determinar o sentido original de uma passagem, e isto através de exegese cuidadosa" (LOPES, 2006b).

6. A ESCRITURA INTERPRETA A ESCRITURA

Se opondo à "camisa de força" no qual a Igreja Católica colocou a interpretação bíblica, Lutero afirmou que não eram os concílios, os papas, os teólogos que definiam o significado das Escrituras, mas a própria Escritura. A Bíblia interpreta a Bíblia. Este era um dos pontos hermenêuticos mais fortes de Lutero. "Se são obscuras num lugar, são claras em outros", disse Lutero com referências às Escrituras. Esse princípio da Reforma estabeleceu como que a única regra infalível de interpretação das Escrituras é a própria Escritura" (LOPES, 2004 pg. 163). "*Claritas Scriptura* é o princípio de que a Escritura é clara e acessível a todos os homens. Mesmo

reconhecendo que existem textos obscuros, Lutero defendeu que estes podem ser interpretados à luz dos textos claros” (PRUNZEL, 2006).

O primado da Escritura não estava apenas ameaçado pelo magistério católico, mas, também, pelas revelações espirituais dos evangélicos radicais, assim chamados, “entusiastas”, dos quais o mais famoso foi Thomas Müntzer. De acordo com eles, “o homem pode receber revelações especiais. Pode ter visões pessoais não apenas a respeito de teologia como um todo, mas sobre assuntos de vida diária” (TILLICH, 2000, pg. 238). Também diante destes movimentos coube a reafirmação do princípio reformado do “*Sola Scriptura*”.

7. CRISTO COMO A CHAVE HERMENÊUTICA DAS ESCRITURAS

Na hermenêutica de Lutero uma das estruturas de sustentação e um dos focos norteadores mais importantes, era a sua Cristologia. “*Solus Christus* talvez seja o princípio norteador dos demais [princípios], pois foi com ele que Lutero realizou sua revolução hermenêutica. A Cristologia de Lutero foi a *conditio sine qua non* de sua reforma teológica”, afirmou Clóvis Prunzel (2006). De acordo com ele, a cristologia de Lutero pode ser resumida em três pontos:

- (a) Cristo é o centro de toda Escritura porque toda Escritura aponta para ele.
- (b) Cristo é o centro da Escritura porque ele é o objetivo e o conteúdo da dialética lei-evangelho. A diferença entre lei e evangelho [...] se restringe à diferença entre o Antigo e o Novo Testamento, pois formam uma unidade orgânica e funcional. Ambos testamentos testificam-se mutuamente e são relativos a Cristo: o Antigo à medida em que as profecias se remetem a ele através da lei e o Novo, na medida em que o indica, proclamando o evangelho.
- (c) Cristo é o centro da Escritura porque ele mesmo é o sujeito das ações da proclamação evangélica. [...] Cristo é a Escritura em carne e osso. (PRUNZEL, 2006).

Em sua interpretação cristológica Lutero foi um sucessor da exegese praticada por Jesus Cristo e pelos apóstolos. Jesus mesmo interpretou o Antigo Testamento à luz da sua pessoa e dos eventos relacionados com a sua vida, morte e ressurreição. Ele explicou e aplicou os textos do AT a si mesmo, de forma tipológica, profética e analógica. Em passagens como João 5.39²; 5.46; Lc 24.25-27³ ele afirmou ser

² “Examinai as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de mim” (Jo 5.39).

³ “Então, Ihes disse Jesus: Ó néscios e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura, não convinha que o Cristo padecesse e entrasse na sua glória? E, começando por Moisés, discorrendo por todos os Profetas, expunha-Ihes o que a seu respeito constava em todas as Escrituras” (Lc 24.25-27).

o foco das Escrituras veterotestamentárias. Na serpente de bronze e em Jonas no ventre do peixe, enxergou tipos que apontavam para a sua pessoa e sua obra. Na visita que a rainha do Sul fez a Salomão ele, analogicamente, enxergou a si mesmo⁴. Os apóstolos compreenderam que Jesus era o cumprimento das profecias messiânicas e das seculares expectativas do povo de Israel. Deste modo descobriram menções de Jesus como o Messias em inumeráveis textos do AT. Um exemplo notável é a primeira pregação apostólica que temos em Atos. Pedro, no dia de Pentecoste, expôs como em Jesus se cumpriram as profecias de Joel e as palavras dos Salmos. A mesma exegese cristológica temos em todo o NT, especialmente em Paulo e, de modo marcante, na carta aos Hebreus. Lutero em sua hermenêutica caminhou nesta mesma trilha exegética aberta na era apostólica.

8. UM EXEMPLO DA HERMENÊUTICA DE LUTERO

Temos um exemplo da hermenêutica de Lutero exposto no seu “Prefácio à Carta de São Paulo aos Romanos” (2017). Nela percebemos alguns princípios exegéticos usados por ele.

a) Análise gramatical. Lutero mostra a necessidade de se estudar o significado de cada termo usado por Paulo na sua carta. Ele afirma: "Para começarmos, nós temos que nos tornar familiares com o vocabulário da carta e saber o que São Paulo quer dizer das palavras lei, pecado, graça, fé, justiça, carne, espírito, etc. Do contrário, não há uso em lê-la".

b) Análise contextual. Lutero explica o significado de várias palavras (p.ex.: “lei”, “obras”, “fé”) no contexto de toda a carta aos Romanos. Entretanto o “fio condutor” de toda a exegese de Romanos, como se percebe na sua introdução, é o conceito da justificação pela fé e não pelas obras. Vale ressaltar que foi lendo este Prefácio que John Wesley sentiu o seu coração “estranhamente aquecido” e veio a compreender a salvação pela fé.

⁴ “Eis aqui está quem é maior do que Salomão” (Lc 11.31).

c) Análise canônica. Explicando a palavra "pecado" ele expõe o seu significado dizendo: "Nas Escrituras significa não somente as obras externas do corpo, mas também todos aqueles movimentos dentro de nós que se ocupam eles mesmos de nos mover a fazer as obras externas, nominalmente, o profundo do coração com toda sua força". E, então, explica que essencialmente "pecado" é "incredulidade" e para isto apela para Gn 3 e para João 16. Isto nos mostra que sua hermenêutica era canônica, usando o contexto todo das Escrituras. Mostra, também, o seu uso da "analogia da fé" colocando suas declarações doutrinárias no contexto da doutrina global das Escrituras.

d) Interpretação figurada e simbólica. Mesmo tendo rejeitado a interpretação alegórica, Lutero reconhece textos que tem um sentido figurado, simbólico e as interpreta de forma correspondente. A cabeça da serpente que deve ser esmagada (Gn 3) ele não a entende de forma literal, mas a considera como sendo "a incredulidade". "Isso é porque, nas Escrituras, a incredulidade é chamada de a cabeça da serpente e do antigo dragão os quais a semente da mulher, i.e. Cristo, deve esmagar, como foi prometido a Adão (cf. Gênesis 3)".

e) Interpretação cristológica. Seguindo o enfoque hermenêutico colocado por Jesus Cristo e pelos apóstolos, Lutero interpretava as Escrituras cristologicamente. No mesmo texto mencionado acima ele reconhece na "semente da mulher" a Cristo.

f) Interpretação radical. Lutero se mostra radical na afirmação de suas convicções. Ele disse: "A menos que você entenda estas palavras desta maneira, você nunca entenderá nem esta carta de São Paulo nem o livro das Escrituras. Esteja atento, por isso, contra os professores que usam estas palavras diferentemente, não importa quem ele seja, seja Jerônimo, Agostinho, Ambrose, Orígenes ou qualquer outro tão grande como grande eles são".

CONCLUSÃO

Com a Reforma romperam-se "diques" que mantinham reprimidas a efusão da mensagem da graça salvadora de Deus. Barreiras que impediam a Bíblia de ser lida

e interpretada livremente foram derrubadas. Até hoje nós usufruímos desta bênção e a nós cabe manter o legado de Lutero e dos demais reformadores.

Diante dos movimentos “entusiastas” de nossos dias, que enfatizam mais as experiências do que as verdades da Bíblia, mais as mensagens transmitidas por “revelação” do que as elaboradas a partir de uma exegese sadia das Escrituras, devemos enfatizar o “*Solus Scriptura*” dos reformadores. Diante da teologia liberal que nega a realidade da inspiração da Bíblia devemos afirmar o caráter teantrópico das Escrituras como sendo plenamente palavra de homens e Palavra inspirada de Deus.

A expressão “*Ecclesia Reformata et Semper Reformanda est*” (“Igreja Reformada está Sempre se Reformando”), atribuída a um “teólogo holandês chamado Gisbertus Voetius, que a formulou durante o Sínodo de Dort (1618-1619)” (SILVÉRIO, 2017), manifesta esta realidade. Em cada geração a Igreja herdeira da Reforma, deve voltar a reafirmar como fundamento de sua fé e de sua prática, como conteúdo de sua mensagem, do seu ensino e de sua vida, o “*Solus Scriptura*”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGLADA, Paulo R. B. *Orare et Labutare: A Hermenêutica Reformada das Escrituras*. Disponível em http://www.monergismo.com/textos/hermeneuticas/hermeneutica_anglada.htm. Acesso em 22.09.2017

DEFREYN, Vanderlei. *A Tradição Escolar Luterana: Sobre Lutero, Educação e a História das Escolas Luteranas Até a Guerra dos Trinta Anos*. São Leopoldo, 2004. 150p. [Dissertação de Mestrado em Teologia]. Disponível em http://www.est.com.br/biblioteca/btd/Textos/Mestre/Defreyn_v_tm104.pdf. Acesso em 7.01.2006

DEI VERBUM. Encíclica Concílio Vaticano II. 1965. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html. Acesso em 22.09.2017

DOCKERY, David S. *Hermenêutica Contemporânea à Luz da Igreja Primitiva*. São Paulo: Editora Vida, 2005

FLUCK, Marlon Ronald. *História e Teologia da Reforma*. Curitiba: Cia de Escritores, 2016

KAISER, Walter e SILVA, Moisés. *Introdução à Hermenêutica Bíblica: Como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos da nossa época*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002

LOPES, Augustus Nicodemus. **A Bíblia e seus intérpretes: uma breve história da interpretação.** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2004

_____. **História da Interpretação Cristã da Bíblia: Da Idade Média ao Pós-Modernismo.** Disponível em: http://www.icegob.com.br/marcos/he_augu2.pdf
Acesso em 12.12.2006^a

_____. Lutero Ainda Fala: *Um Ensaio em História da Interpretação Bíblica.* In: **FIDES REFORMATA** 1/2 (1996). Disponível em <http://www.mackenzie.com.br/teologia/fides/vol01/Augustus.pdf> Acesso em 19.12.2006

LUTERO. M. **Prefácio a Carta de São Paulo aos Romanos.** Disponível em http://www.monergismo.com/textos/comentarios/prefacio_lutero.htm. Acesso em 24.09.2017

_____. Carta aberta sobre a Tradução. Trad. de Mauri Furlan. *In: Clássicos da Teoria da Tradução.* Antologia bilíngue, vol. 4, *Renascimento.* Florianópolis: NUP-LITT, 2006. (p. 95-115)

PRUNZEL, Clóvis Jair. **Lutero Como Hermeneuta e Exegeta.** Disponível em http://www.seminarioconcordia.com.br/Artigos_Prunzel/Lutero_como_Hermeneuta_e_Exegeta.mht (em cache). Acesso em 14.12.2006

ROSENZWEIG, Franz. Die Schrift und Luther (1926) in STÖRIG, H.J. **Das Problem des Übersetzens.** Darmstadt, 1963, (220-48). Disponível em

SILVÉRIO, André. **“Ecclesia Reformata et Semper Reformanda est”.** Clique Paz. Disponível em <http://www.theologie-examen.de/exzerpte/dogmatik/hermeneutik/Rosenzweig.doc>. Acesso em 27.10.2017

TILLICH, Paul. **História do Pensamento Cristão.** 2. Ed. São Paulo: ASTE, 2000

VIRKLER, Henry A. **Hermenêutica Avançada.** 2. ed. São Paulo: Editora Vida, 1998